

Revolução educacional

EDGAR LISBOA

Um trabalho sério de quatro anos não vai resolver todos os problemas da educação brasileira, mas pode fazer com que se mudem os rumos que vinham sendo seguidos até agora. E que eram rumos equivocados. Esse comentário é do ministro da Educação, Paulo Renato Souza, ao fazer — no dia em que foi lançado o Suplemento Ler, uma iniciativa da Associação Nacional de Jornais — um apanhado da situação do ensino no País.

Na verdade, a gravidade do quadro da educação é tal que sua reforma vai exigir um tempo mais dilatado que o de um mandato presidencial, mas o certo é que muita coisa já está sendo feita.

O principal avanço é justamente a mudança de enfoque. A opção pelo ensino deixa de ser apenas um rasgo retórico para se transformar numa realidade palpável. E isso se traduz em números. Um programa lançado recentemente pelo MEC prevê o repasse aos estados de complementos de verba para que sejam atingidos os gastos mínimos por aluno recomendados pelos organismos internacionais.

A recomendação das Nações Unidas, hoje, é de um investimento aluno/ano em torno de US\$ 215. No Bra-

sil, esse número pode chegar a US\$ 300, justamente para tentar superar mais rapidamente o fosso do atraso. Com mais recursos, estados e municípios poderão pagar mais aos seus professores, cujos ganhos hoje são irrisórios. Com baixos salários, obviamente não podem contratar os professores melhores preparados e assim se fecha um círculo infernal; mestres despreparados não conseguem seduzir seus alunos para o estudo.

Segundo o ministro Paulo Renato Souza, o Governo já conseguiu, ao longo deste ano, uma certa melhoria, especialmente no que trata da expansão das matrículas. Além disso, os cursos de pós-graduação vêm sendo reconhecidos como de bom nível. Mas, mesmo assim, a situação do ensino básico chega a ser “quase catastrófica”, diz ele.

Unindo-se ao esforço nacional pela educação, a Associação Nacional de Jornais fez circular este ano, nos seus jornais associados, um Suplemento Especial dedicado inteiramente à questão do ensino. O Suplemento Ler teve uma tiragem de aproximadamente três milhões de exemplares. Seu objetivo é chamar a atenção dos leitores de jornais

para a grande importância da questão educacional.

Mais do que nunca, a educação é hoje uma questão estratégica. Em tempos passados, o Brasil pôde crescer em termos econômicos, mesmo convivendo com altos níveis de analfabetismo, porque seus principais produtos de exportação eram agrícolas. Mas hoje, quando os bens mais valiosos são industriais e as empresas exigem mão-de-obra altamente qualificada, a educação se impõe como uma necessidade incontornável. Sem ela, não se pode aspirar, de modo nenhum, ao desenvolvimento econômico.

Estamos agora no limiar daquilo que vem sendo chamado de “a era da informação”, tempo em que os setores de telecomunicação e de informática, somados, vão se transformar na mais rendosa atividade econômica. Nessa nova era não haverá espaço para a in cultura porque o bem mais valioso vai ter de ser decifrado na tela de um computador. O Brasil precisa se preparar para esse tempo.

■ O jornalista Edgar Lisboa é diretor-executivo da ANJ